

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM GEOGRAFIA
Felipe Henrique da Silva - 9827892

A identidade espacial mediada pelo Aboio no sertão nordestino

São Paulo

2021

FELIPE HENRIQUE DA SILVA

A identidade espacial mediada pelo Aboio no sertão nordestino

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos H. F. Valverde

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

SILVA, Felipe. A identidade espacial mediada pelo Aboio no sertão nordestino./Felipe Silva.
Orientador: Prof. dr. Rodrigo Ramos H. F. Valverde - São Paulo, 2021.

41 folhas.

Monografia do Trabalho de Graduação Individual (Bacharelado em Geografia), pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP)

SILVA, Felipe. A identidade espacial mediada pelo Aboio no sertão nordestino. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Nessa longa viagem de campo chamada bacharelado em Geografia fiz grandes amigos, que não foram poucos, me ajudaram não só academicamente mas na vida como um todo, me possibilitando chegar até aqui, um agradecimento especial a Helena e ao William que estiveram presentes desde as piores aulas e madrugadas viradas fazendo trabalho até nos melhores trabalhos de campo, não obstante, fizeram parte da construção desse trabalho de graduação, com revisões, dicas e traduções.

Agradeço ao Professor Doutor Rodrigo Valverde, por me orientar, guiar e resolver inúmeras dúvidas que tive durante a produção deste documento.

Um agradecimento especial aos meus pais por sempre estarem ao meu lado e me apoiarem mesmo quando eu não queira continuar nessa carreira, me fazendo mudar de ideia.

RESUMO

SILVA, Felipe. **A identidade espacial mediada pelo Aboio no sertão nordestino**. 2021. 41 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Seria possível ressignificar uma ideologia geográfica por intermédio da música? Sim, e assim chegamos ao Aboio, gênero do pastor do gado e sua relação com o Sertão. Moraes, entende o sertão como uma ideologia geográfica carregada de estigmas e preconceitos. Conceito vindo da época da colonização, baseado em um olhar externo, alienado aos seus processos internos, que ainda hoje pode ser encontrado. O Aboio, canto de trabalho do vaqueiro, descreve sua vida frente ao seu cotidiano, seja os dias de luta ou seus dias de glória. Representando suas festas, crenças, angústias e desventuras sendo um estilo musical representante do interior do nordeste brasileiro. Não raro, suas letras apresentam breves descrições sobre o espaço que o cerca: o Sertão. Por meio dessa relação cria-se símbolos e significados traduzindo-se na criação de um pertencimento e na construção de uma identidade espacial, baseado em Dozena. Respondendo assim nosso objetivo geral: compreender a partir do gênero musical aboio a construção de uma identidade espacial no sertão nordestino. Ainda, uma introdução sobre a geografia da música e alguns possíveis caminhos e perspectivas a serem abordadas. Para isso, o método escolhido foi uma revisão bibliográfica acompanhada de comparação com músicas para se contrapor às perspectivas sobre o que se entende por Sertão.

Palavras-chave: Música. Aboio. Sertão. Identidade espacial. Pertencimento.

ABSTRACT

SILVA, Felipe. **The Spatial Identity Mediated by Aboio in the northeastern Sertão**. 2021. 41 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Would it be possible to change the meaning of a geographical ideology through music? Yes, and that's how we arrived at Aboio, the cattle herder music genre and its relationship with the Sertão. Moraes understands the sertão as a geographical ideology loaded with stigmas and prejudices. A concept from the time of colonization, based on an external look, alienated from its internal processes, which can all still be found today. O Aboio, the cowboy's work music, describes his way of living vis-a-vis his daily life, whether it's about the days of struggle or the days of glory. Embodying their parties, beliefs, anxieties, and misadventures, this musical style represents the interior of the Brazilian northeast. Commonly, the lyrics often present brief descriptions of the space that surrounds him: the Sertão. Through this relationship, symbols and meanings are created, which translates into the creation of belonging and the construction of a spatial identity based on Dozena. This leads to our general objective: to understand the construction of a spatial identity in the northeastern Sertão from the musical genre Aboio. Also, an introduction about the geography of music and some possible and different perspectives to be addressed in the course of this research. For this, the chosen method was a bibliographic review accompanied by a comparison with songs to counteract the perspectives on what is understood by Sertão.

Keywords: Music. Aboio. Sertão. Spatial identity. Belonging.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
BREVE APRESENTAÇÃO SOBRE A GEOGRAFIA DA MÚSICA.....	3
A RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E TERRITÓRIO MUSICAL.....	8
UMA IDEOLOGIA GEOGRÁFICA: O SERTÃO.....	16
RESSIGNIFICAÇÃO DO SERTÃO POR MEIO DO ABOIO.....	20
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA.....	31

Introdução

Atualmente, cada vez mais a música é um produto de massa no mundo, seja em número de consumidores ou em quantidade de horas consumidas diariamente. Mediante a isso, temos a demonstração da influência musical no dia a dia. Além de ser usada como entretenimento, pode ser usada para analisar processos sociais e espaciais.

Pode-se pensar espacialmente certas características musicais: as que fazem parte do *mainstream*, que são consumidas mundialmente, em diversos locais pelo mundo, como Pop/Rock/Rap, com diversos artistas mundialmente famosos; contralateral ao espectro, as músicas locais, consumidas em determinados espaços geográficos, que raramente são reconhecidas. As músicas locais, consumidas em determinados espaços geográficos, que raramente são conhecidas fora do seu microcosmos, por exemplo, o gênero do Aboio, no Sertão do nordeste brasileiro.

Ao realizar análise com base em músicas, é necessário entender o contexto em que foram feitas, o contexto dos artistas e dos consumidores. O artista pode ser influenciado pelo seu entorno enquanto compõe uma música e isso acaba por se refletir na obra, gerando pequenos símbolos, significados e referências. Do outro lado, quem consome essa música, pode ter preferência por consumi-lá devido a batida, voz do cantor, ritmo ou mesmo por se sentir representado pelo sentimento transmitido pela música, seja por símbolos, signos ou/e referências presentes em seu cotidiano, ou mesmo que traga à memória uma lembrança.

Em músicas de influência local, essa representatividade torna-se ainda mais interessante a partir do momento que se torna compatível com o estilo de vida, cultura e locais inseridos no ambiente musical, de forma mais pessoal e singular, já que se trata de um determinado espaço, como por exemplo, locais de convívio popular, ambientes de festa, paisagens, trabalho, dentre outras inúmeras situações que podem estar ou não presentes no cotidiano e na música. Teriam essas músicas locais a capacidade de ressignificar todo um sentido sobre onde se inserem? Ou mesmo mediar a criação de uma identidade espacial?

Nosso objetivo geral desta pesquisa é compreender a partir do gênero musical Aboio a construção de uma identidade espacial no Sertão nordestino. O Aboio, também chamado às vezes de toada, é gênero musical do pastor do gado nordestino. Canta e encanta o gado e seus trabalhadores. Canto de trabalho, descreve a vida do vaqueiro frente ao seu cotidiano, seja os dias de luta ou seus dias de glória. Representando suas festas, cresças, angústias e

desventuras. Sendo uma estilo musical representante do interior do nordeste brasileiro. Não raro, suas letras apresentam breves descrições sobre o espaço que o cerca: o Sertão. Mas quando fazemos um esforço mental sobre esse último, fica o questionamento sobre qual Sertão está sendo tratado, se aquele tão estigmatizado, carregado de preconceito por uma porção daqueles que o enxergam pelo lado de fora, com um olhar externo, alienado dos processos que lá ocorrem, ou pelo olhar de quem vive, produz e reproduz sua vida imerso nesse ambiente. O aboio como um gênero local carrega consigo uma carga simbólica relevante, capaz de representar toda uma cultura dos vaqueiros, tal gênero seria capaz de ressignificar para os seus o sentido de “Sertão”? Cabendo aqui outro questionamento: o que significa Sertão? Para conseguir responder isso, um dos objetivos específicos da pesquisa, uma comparação entre autores acadêmicos e músicas de Aboio, contrapondo suas visões.

Como outro objetivo específico, sendo uma breve apresentação sobre a geografia da música, e por meio disso, já delimitando possíveis caminhos e abordagens a serem seguidos nesta tese e que podem ser importantes para entender da melhor forma como a música se liga com o espaço geográfico, e como a música influencia na criação de espaços e territórios de pertencimento.

Por fim, mas não menos importante, os outros objetivos, relevante entender se este estilo musical consegue criar algum tipo de identidade espacial e não só isso, como também, compreender se o espaço em que a música se apresenta é passível de ser classificado como um Território musical. Sendo relevante uma introdução ao Aboio, identificando quem o consome, quem o realiza, onde ele acontece, quem o vivencia. Sendo tudo isso, para responder o questionamento central: O gênero musical Aboio é capaz de alterar a concepção mais consolidada de identidade a partir de um olhar diferente da paisagem e do sertão?

Para a realização dessa pesquisa nos baseamos em algumas leituras encontradas por meio de sites e periódicos especializados em pesquisas acadêmicas, letras de músicas, e notícias, e publicações oficiais do governo. Algumas fotos de própria autoria realizadas antes da pandemia e de sites de notícias.

Breve apresentação sobre a geografia da música

É de conhecimento geral por parte dos geógrafos que a geografia está presente em quase tudo em que o homem exerce algum tipo de ação, seja na economia, arquitetura, educação ou na produção e reprodução de sua cultura, campo este atribuído a geografia cultural religião, festas, produção cultural, literatura, dança, língua, tradições, dentre outras inúmeras possibilidades de abordagem pertencem a este campo da geografia, e dentre estes, aquele que voltaremos nossa atenção neste estudo: a música. Para entender como a música pode servir como campo de análise geográfica, trarei alguns autores e teorias que demonstram o vasto campo da geografia musical.

Como geógrafos devemos voltar nosso olhar geográfico para tudo aquilo que nos cerca, desde nossa locomoção pela cidade, nosso local de trabalho, a relação que temos com nossos representantes no políticos, mesmo no esporte sempre existe algo a ser geografizando, mas e nosso cotidiano, em nosso momento de descanso, será que desligamos esse olhar problematizador ou continuamos a olhar ao redor e pensando além? Ao pararmos pra ler um livro, ver uma peça, assistir um filme ou ouvir uma música, estamos ouvindo o produto do trabalho de alguém, este alguém que sofreu influências de outras pessoas, de outros ambientes de outras culturas e com isso chegou a essa obra, como geógrafos cabe a nós interpretar e analisar o mundo pela visão dos escritores, poetas e compositores, sendo esse um meio eficaz de se estudar lugares, territórios, crenças, tradições, culturas pelo mundo, e ao mesmo tempo podemos pensar pelo campo da música, seus cantores e produtores, até mesmo de seus consumidores. Mas como fazer uma análise geográfica sobre música, que abordagem usar, quais os autores, que caminho de pesquisa seguir? A geografia da música é capaz de abranger inúmeros sub-campos de pesquisa, seja abordando a origem de instrumentos ou formas de canto, músicos e compositores; seja abordando a economia gerada pela indústria musical e como ela se reflete espacialmente em pequenos e grandes centros urbanos; como forma de descrição espacial por suas letras que fazem referências a pontos específicos de um determinado ambiente ou paisagem. Ainda, podemos criar cartografias e regionalizar a partir de dados sobre gêneros mais consumidos ou expoentes, estatísticas de consumo por faixa etária, até mesmo fenômenos particulares, como por exemplo a ausência de letra no Hino nacional espanhol para evitar conflitos internos por movimento separatistas, ou como a músicos da MPB nos anos de ditadura militar no Brasil encontravam brechas na censura,

possibilitando se expressar de forma mais efusiva sobre o que estava acontecendo naquela época. Vislumbrando as inúmeras possibilidades de estudo, torna-se importante salientar e delimitar um caminho principal a ser seguido. Para delimitar um caminho e não prolongar além do necessário, vamos mirar na representatividade, tanto social como territorial, que pode ser alcançada por meio da músicas, letras, ritmos, roupas, dentre outras coisas.

Daniel Castro (2009), apresentou um compilado de autores e temas de trabalho entre geografia e música, dentre os autores citados em seu texto, Carney e Kong ajudam a lapidar nossos rumos. Começando por Carney *apud* Castro (2009, p.11), em que o autor define em dez formas possíveis de se abordar a relação da geografia e da música, citando apenas alguns exemplos: a relação entre a distribuição espacial da música e as migrações humanas; os efeitos da música na paisagem cultural; o função da música “nacionalista” e “antinacionalista”. Com isso, podemos visualizar inúmeros outros possíveis caminhos que uma pesquisa em geo musical poderia tomar. E dentre os temas propostos por Carney, aquele em que esta pesquisa se encaixa, e que iremos trabalhar mais profundamente: os elementos psicológicos e simbólicos da música, moldando o caráter, a imagem, o sentido e a percepção. Este é o ponto, mais à frente, para debatermos o pertencimento mediado por esses símbolos presentes na música, desde letras até a vestimenta utilizada pelos grupos, não só isso, como também a relação com o território e sua representação espacial. Ainda, sendo de suma importância para contemplar nossos objetivos, Kong *apud* Castro (2009, p.13) reforça que a música é capaz de transmitir “imagens” de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identidade dos lugares. Como a autora diz, a música é capaz de gerar imagens de um lugar e com isso podemos pensar em paisagens e territórios musicais e não apenas isso, também vislumbrar na música como fonte primeira para entender seus compositores, cantores e ouvintes, o que leva eles a gostarem, ouvirem e até mesmo se sentirem representados por aquela música ou aquela banda, aquele gênero.

A frente, os autores continuam; para Kong *apud* Castro (2009, p.13), a música pode servir como meio, veículo, através do qual as pessoas transmitem suas experiências ambientais, seja do cotidiano ou de um fato extraordinário, sendo útil como forma enriquecer discussões que envolvem noções socioespaciais como de “lugar” e “território”.

Além disso, o texto apresenta outros meios de se fazer pesquisa usando geografia e música, abrindo espaço para algumas aproximações interessantes com o tema desta pesquisa, por exemplo:

“A análise de significados simbólicos. Ou seja, a preocupação com os simbolismos utilizados na música, além do papel simbólico da música na vida social. Como exemplo, pode-se mencionar a forma como a música country evoca uma nostalgia do paraíso, de um modo de vida mais simples, sem complicações.” Kong *apud* Castro (2009, p. 14-15).

Com o último trecho, já é possível imaginar de uma forma simplista que a música seja capaz de, por meio do sua melodia ou da sua letra, influenciar a percepção de quem a escuta sobre determinado ambiente, podendo gerar uma imagem de um território simbólico e/ou nostálgico para o ouvinte, apenas com as referências contidas em si. Mais à frente existe outra contribuição interessante:

“Música e a construção social de identidades. Preocupa-se aqui com o papel da música na construção e desconstrução de identidades nacionais, de gênero, étnicas ou religiosas, evidenciando a importância dessa arte na formação” Kong *apud* Castro (2009, p. 15)

Usando o trecho anterior, podemos fazer outro paralelo com esta pesquisa, com o papel da música mediando essa construção de uma identidade espacial, no caso do Aboio, o Sertão nordestino. Como podemos ver, é possível usar a música e a letra de músicas para compreender melhor essa identidade de um certo grupo, seja essa, por seu caráter nacional ou local. Outro Autor muito importante para essa pesquisa ainda destaca o papel da musicalidade para com a geografia e não só, como também destaca a importância das sonoridades e das letras, que serão de grande relevância e nossa análise mais a frente:

Desse modo, a musicalidade pode ser vista como um alibi para se atingir alguns fatos geográficos, sobretudo ao constatararmos que as letras e as sonoridades trazem consigo uma historicidade que usa metáforas importantes para a desconstrução de conceitos e pré-conceitos socialmente estabelecidos. Dozena (2016, p. 337)

Até mesmo pela forma como os cantores tocam ou cantam é capaz de trazer essas percepções, por meio de sotaques e/ou gírias envolvidas. Sendo aqui relevante para o debate essa citação:

“No estudo da música como um meio, devem ser levados em consideração o mensageiro e o mecanismo desse meio, isto é, os compositores, arranjadotes, músicos, instrumentos, engenheiros de som, equipamento de gravação e estúdios de gravação. Por exemplo, os antecedentes culturais do compositor, suas percepções e conhecimento do lugar, bem como suas intenções (propósito, fundamentação lógica, objetivos, inclusão ou exclusão de determinados aspectos do lugar e o público ouvinte), podem influenciar a natureza do lugar representado”. Carney *Apud* Torres (2016, p. 194)

Sendo assim, vislumbra-se a possibilidade de se analisar não só questões de identidade e pertencimento mas também temas como paisagem, cultura, modo de vida, tudo por meio da música, seus compositores, cantores, instrumentos ou mesmo por suas letras e melodias.

Ainda sobre usar o olhar geográfico sobre a música, podemos usar o olhar da paisagem sonora. Paisagem cultural como se refere Furlanetto, (2016, p. 349), é tanto um produto como produtora de cultura, tem forma, cheiro, cores e sons, naturais ou produzidos. Sendo essa relação sonora da paisagem com a cultura a que nos interessa. Sobre seus sons, barulhos, músicas e afins, a autora chama de geo-influenciador:

“o fato musical promove a divulgação e disseminação de ideias e gêneros musicais, e pode ser considerado um geo-influenciador dos sentimentos de pertença, mobilidade, valores e comportamentos sociais” Furlanetto (2016, p. 359).

Assim, a música se torna um fator mais do que importante nas análises paisagísticas e cultural na geografia, pois carrega consigo, a imagem de um determinado local, seus sentimentos, seus ideais, imagens que só podem ser capturadas por artistas que ali pertencem, que fazem parte da comunidade. Se pensarmos que em cada espaço existe um ritmo musical diferente de outros, que evocam sentimentos diferentes, seja entre cidades, estados, regiões ou nações. E assim, criam consigo uma ideia de “nós” e “outros”, podemos considerar identidades diferentes por meio da música e do espaço, ou mesmo por tempos distintos no mesmo território ou lugar. Torres e Kozel ainda complementam a importância da paisagem sonora na percepção da identidade:

“as paisagens sonoras concedem identidade aos lugares, e agem direto e constantemente em seus moradores na contribuição à percepção das falas, sotaques, dos gostos musicais, e na evocação de paisagens do passado, o que reforça valores existentes em cada indivíduo, que pode contribuir para sua fixação em lugares distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem” Torres e Kozel (2010, p.125)

Com mais alguns aspectos de importância na análise dessa relação, Cosgrove *apud* Torres e Kozel (2010, p.125) todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são

o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. Furlanetto ainda completa:

“a música pode refletir o sentido dos lugares, das representações territoriais das identidade regionais, da paisagem, ou dos traços culturais A música é, ainda, um fio condutor, um mediador das percepções dos lugares, das etnias e das relações de gênero.” (2016, p. 359)

Cabe aqui uma outra passagem, fundamental ao nosso progresso, sobre como a música pode participar do processo de produção de territórios:

“O elemento musical também é produtor de territórios, e está presente nos processos que envolvem a definição de identidades, atuando como agente performativo das dinâmicas e desenvolvimento territorial” Furlanetto (2016, p. 359)

Como visto, a geografia da música é contemplada de inúmeros campos de abordagens possíveis: análise de paisagens; lugares; construção e desconstrução de identidade; sentimentos e valores; e territórios musicais.

Vamos nos focar em trabalhar a relação da identidade e do pertencimento social e espacial que se forma por meio dela. Seja pela produção ou reprodução de símbolos, sentimentos em grupos ou pela criação de territórios musicais. Uma ressalva que não pode deixar de ser feita é o fato da cultura não ser algo homogêneo e nem fechado a mudanças, muito pelo contrário, é algo extremamente volátil e suscetível a mudanças conforme o tempo, os espaços e a sociedade muda. Quaisquer estilos de música, instrumentos, representações, entendimento, ou aspectos sociais citados podem sofrer variações e/ou apresentar casos únicos e específicos que não deixam de ser importantes e relevante como os tratados aqui, mas que serão deixados de lado para o melhor esclarecimento e entendimento das comparações e abordagens teóricas sobre o tema da pesquisa. Com isso, tentaremos compreender mais a fundo como se formam os territórios de pertencimento mediados pela música e como acontece a questão de pertencimento junto a esses espaços, para que possamos entender como isso se mostra no caso do Aboio, e como o mesmo trabalha nessa relação de pertencimento e identidade em frente ao Sertão por meio de símbolos e significados produzido e reproduzidos.

A relação entre a Identidade espacial e o território musical

Identidade espacial pode ser estudada por diversos campos de pesquisas e diversas abordagens, tendo como exemplo a análise sobre nacionalismo e/ou separatismo em uma nação, o pertencimento de um grupo a um determinado espaço vivido, grupos sociais que transformam localidades inteiras na medida que ali frequentam, pelas suas ações e pelo tempo que ali é empregado.

Nessa reflexão, vamos nos focar na questão da música como esse mediador, mas não só, como também outros elementos que podem nos auxiliar nesse movimento da criação de uma identidade e do sentimento de pertencimento, seja espacial ou social, tudo aquilo que se propõe a criar algum tipo de representação, identificação, ou que geram simbolismos importantes nesse sentido. De início, Podemos entender a identidade espacial como algo presente em todos os espaços em que pessoas exerçam ações cotidianamente, seja no bairro, com a convivência entre amigos, vizinhos e conhecidos, seja na cidade ou país como um todo, onde se acaba compartilhando um modo de vida em comum proporcionado por esse espaço vivido em comum. Mas o que acontece quando um território é feito em torno de uma convivência específica, diferente de cidades e bairros, que são compartilhados e disputados por pessoas diversas, quando temos um espaço dedicado a uma pequena parcela seleta da sociedade? E se essa parcela for definida por seu gosto e estilo musical, e tudo que isso engloba e se propõe? Como isso afeta o espaço envolto? A questão da disputa entre grupos é presente?

A geografia da música abarca inúmeros temas como vimos anteriormente, um desses temas que merece destaque é a identidade espacial mediada pela música, Crozat (2016, p.14) inicia sua análise dividindo a pesquisa em geografia da música em seis temas que demonstram como a música pode ser um vetor para se analisar as práticas sociais e suas mudanças, sendo um desses temas essencial neste debate: música que cria identidade territorial.

De início Crozat (2016, p.15) já faz a ressalva: não podemos considerar nenhum tipo de cultura, identidade como definitiva e nem como homogênea, a não ser que se queria praticar algum tipo de racismo ou preconceito. Mesmo quando pensamos em um território, lugar, espaço em que algum estilo musical seja mais presente ou mais influente, é impossível de se fazer qualquer tipo de homogeneização sobre a população presente. Levy *apud* Crozat

(2016, p.16) descreve a identidade como algo social que nos diferencia dos demais, do “o outro”, por um sentimento que pertença e que se aplique a pessoas, grupos e lugares, em uma diferenciação para com os outros. Em outras palavras, a identidade também se comporta como um discurso coletivo que permite a um determinado grupo se denomine um “nós”, pelo seu reconhecimento em conjunto, da mesma forma que se reconhecem pela distinção aos “outros”. Crozat apresenta uma definição mais completa do que se entende por Identidade musical:

“noção de identidade musical se refere tanto à de pertença - que funda sua dimensão coletiva - como à de gosto - que determina seu componente individual. Mas este último, por sua vez, refere-se em partes à sociedade. A identidade musical não pode assim ser obtida de uma vez por todas. Ela é o resultado de processos tanto cumulativos e seletivos, como também conscientes e subconscientes, impostos e livremente escolhidos, cuja resultante é o “som imagem” de um grupo ou de uma pessoa em um determinado lugar e tempo.” Defrance, *apud* Crozat (2016, p. 18).

Como processos cumulativos e seletivos as músicas, também, representam as mudanças que ocorrem na sociedade, seja através do que dizem as suas letras ou dos valores associados a um determinado estilo musical. E, isso se manifesta no espaço, falas, nos comportamentos e nas roupas. Estes, responsáveis pelo reconhecimento visual do grupo e do indivíduo. Como por exemplo, é de conhecimento geral que um roqueiro gosta de roupas pretas com estampa de bandas, esse estilo de vestimenta já se materializa com um símbolo do grupo de quem gosta de Rock, outro exemplo, mas agora de acessórios, são os dreads de quem consome o reggae. Claro que esses exemplos podem não contemplar todos aqueles que gostam de um ou outro gênero, mas servem de ilustração de modo geral. Relevante ponderar também que sozinha a roupa pode funcionar como um falso símbolo, quando qualquer pessoa pode vestir uma roupa de preta de banda, um abadá de carnaval e mesmo assim não conhecer o que esse símbolo representa a outros.

Com isso, ao pensarmos em símbolos de pertencimento, tanto físicos como roupas, acessórios ou em psicológicos e identitário, sempre podem gerar sentimentos oposto e complementares, por criarem e/ou intensificarem uma relação dualista entre “nós” e “os outros”, em qual o “nós” são os que compactuam com os mesmo gostos, jeitos e comportamentos que você e seu grupo enquanto o “outro” são aqueles que, pelo contrário, não usam as mesmas coisas que o seu grupo e nem gostam das mesmas coisas que você.

Para dialogar com Crozat, Dozena aborda a relação entre a corporeidade pode ser usada na mediação entre os estudos da música em relação ao território. O autor demonstra como a música pode criar ligações emotivas e humanas:

“A identidade é antes de mais nada um sentimento de pertencimento, uma sensação de natureza compartilhada, de unidade plural, que possibilita e dá forma e consistência à própria existência. O coletivo tem absoluta preeminência sobre o indivíduo, e a construção de uma identidade se faz dentro do coletivo por contraste com o ‘outro’” Gomes *apud* Dozena (2016, p. 394).

Sendo assim, quase impossível não pensar em como isso se refletiria em símbolos, significados próprios e até mesmo na criação de uma identidade espacial mediada pela música. Desta forma, o próprio autor continua:

“As identidades com base territorial, forjadas por aspectos da musicalidade, trazem conexões com padrões passados e presentes de povoamento, migração, etnicidades, heranças musicais, estilos de vida e condições socioeconômicas. A grande questão é a de se atentar para o fato de que além de um corpo fisiológico existe um corpo social, criador de uma musicalidade que se verifica na existência individual e coletiva”. Dozena (2016, p. 337)

Torna-se aqui interessante trabalhar o conceito de território para melhor compreensão, Haesbaert (2007, p.21) divide em dois pontos centrais: “poder político” tradicional em seu sentido mais explícito de dominação, posse, soberania sobre o espaço; e ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, imaterial, representativo de apropriação, nesse segundo sentido, é marcado pela vivência, ou “marcas do vivido”, na apropriação de tempos em tempos, ritmos e ritmos, símbolos e práticas. Com isso, temos que não é somente em movimentos simples que se criam a ideia de pertencimento com um lugar no espaço, e muito menos um território musical, é necessário não somente viver e consumir, além de “dominar” o espaço e se fazer presente é preciso mais, é preciso criar ligações simbólicas, que não se criam de uma dia por outro, necessita-se de tempo e de práticas para que essa vivência se torne algo maior e possa transbordar para outras pessoas com o mesmo interesse, para que se torne um “nós”, fazendo assim com que esse grupo possa, não só se apropriar desse espaço em forma de posse ou dominação, mas chamo-lo de seu, com sentimentos vinculados. Resumindo, o território se dá por meio de uma apropriação real e/ou simbólica do espaço vivido, tanto individual quanto coletiva.

Em outro artigo, Haesbaert (1997, p.24) trata sobre a relação de território e identidade, sobre espaços, de caráter particular, espacial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material, a partir dos quais sua leitura simbólica emana apropriação estética específica, capaz de fortalecer a identidade. Poche *apud* Haesbaert os denomina de “espaços de referência identitária” e completa:

“a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que de qualquer forma emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial.” Haesbaert (1997, p.24)

O autor ainda cita exemplos desses territórios simbólicos como a campanha gaúcha para a formação da identidade gaúcha e o Sertão para a identidade nordestina.

Outra discussão a ser iniciada aqui é a importância dos ditos símbolos ou mesmo signos. Podem ser referidos tanto a pessoas, personagens ou pode ser também um objeto que substitui, representa, ou sugere algo, ideia abstrata. A linguagem, as artes de modo geral e a religião são exemplos que se integram a este todo. Estes sempre apresentam-se como uma forma de articulação nesse processo de significação e ressignificação desse mundo abstrato, particular dos humanos. Existem aqueles que são reconhecidos internacionalmente, por exemplo, símbolos religiosos diversos, mas existem também aqueles que são compreendidos dentro de pequenos grupos e em contexto específicos. Convivemos a todo instante com esse mundo abstrato das ideias que pode ou não vir a se tornar signo de algo que se confira algum tipo de significado, mas que, ao mesmo tempo, não pode ser construído a partir do nada, na maioria das vezes, produzido e reproduzido em um processo lento e longo, onde símbolos particulares conduzirão a símbolos coletivos e vice e versa. E com isso, voltamos nossos olhares a relação com o espaço, e como nossas experiências e vivências, por parte dos ambientes em que frequentamos, são muitas vezes afetadas direta ou indiretamente por esses mesmos símbolos que nos cercam de diversas formas.

E ao aplicarmos isso a nossa percepção sobre estilos musicais e seus grupos e tribos, não podemos deixar de notar como roupas, acessórios, modos de agir e dentre outras coisas acabam trabalhando como signos de representação. De fácil percepção, as bandas de Rock e seus apreciadores, que vestem com botas, coturnos, roupas pretas, muitas vezes com a estampa de bandas para demonstrar seu gosto musical. Ou mesmo no reggae, quando pensamos no estilo de seus cabelos, é de imediato que nos lembramos de dreads, como os de Bob Marley. São essas pequenas coisas que com o passar do tempo ficam marcadas como

símbolos desses grupos, mesmo que não necessariamente quem não faz uso dos mesmo, não participe das tribos, ou mesmo aqueles que desfrutam de tal estética podem não gostar do estilo musical, apenas da imagem que é transmitida por eles.

Crozat (2016, p.19) introduz seu debate falando que a imagem, além da metáfora, é a característica mais estável e evidente da música; a música produz imagens, e na maioria das vezes, imagens dos lugares, cria-se sempre imagens de referência quando se ouve ou se fala de um estilo musical e isso se dá pela forma de criação desses símbolos já referidos. Outros autores fazem referência a essa representação espacial, não se limitando apenas a pequenos locais de consumo, mas abraçando conceitos de lugares e territórios musicais. Pensando na não generalização de um todo por apenas um grupo, é importante refletir a relevância de se definir um lugar como lugar da música, sobre isso, Leyshon, et al *apud* Panitz (2012, p. 05), considerar o lugar da música não é reduzi-la a sua localização, estabelecer um ponto exato no espaço, mas permitir uma abordagem rica em estéticas, culturas, economias e geografias políticas da linguagem musical condicionando várias caminhos de abordagens que pode ser seguidas para entendermos tal relação sócio-espacial envolvida. Com isso, é possível analisar não somente o lugar, como também territórios mediados pela música. Ainda, complementando a mesma ideia mas usando de outro autor, Romagnan *apud* Panitz (2012, p.07) insere a ideia da atividade musical como um geo-indicador do território ao abordar temas como política cultural, música e espaço público, sistemas de produção dessa atividade, uso dos lugares de práticas musicais e seus significados, entre outros. Assim, já conseguimos enxergar como um lugar dedicado à música se apresenta de forma característica, seja por sua por uma estética própria e bem marcante, com preferências e adereços, cores e enfeites, seja no ambiente ou mesmo nas pessoas que ali frequentam. E novamente, nos possibilitando abordar o território musical com os mesmo parâmetros.

Lembrando que esse movimento humano e natural, é muitas vezes proporcionado pelo movimento do capital, não sempre, mas é bom fazer essa ressalva, pois é quem possibilita o atendimento comercializado a esses grupos, ou mesmo que cria arenas enormes de eventos ou até mesmo ruas ou quarteirões de casas de show. Haesbaert trata sobre isso, não somente pela lógica do espaço mas inclui os produtos de valor simbólico nessa lógica mercadológica:

Compramos um produto mais pela sua imagem (valor simbólico) do que pela sua "função" (material). O "marketing" em torno destas imagens criadas sobre o objeto

ampliou-se de tal forma que o próprio espaço geográfico, enquanto paisagem, é também transformado em mercadoria e vendido como ocorre no "mercado de cidades" global. Heasbaert (2010, p.28)

É sempre a possibilidade de lucrar em cima de uma demanda específica que possibilita essa produção do espaço vivido. Um bom exemplo, a famosa Rua Augusta em São Paulo, ambiente de eventos noturnos em qual o estilo POP é um dos principais atrativos. A possibilidade de escolher entre as dezenas de baladas, que vivem em simbiose, é o que mais atrai o público, e olhando pelo lado dos investidores, é muito fácil e conveniente abrir uma nova nessa área, por já possuir fama nesse ramo.

Um exemplo dessa relação socioespacial mediada pela musica, Costa e Dozena (2012, p.20) abordam a relação como uma questão do território, os autores usam como exemplo o espaço do Choro em Natal, em qual consideram como uma dimensão da experiência humana dos lugares, realizada cotidianamente pelos grupos sociais que nele habitam e lhe conferem dimensões não apenas simbólicas, como também políticas e econômicas voltado para essa relação socio-espacial construída e torno do Choro. Sendo ainda mais fundamental para essa pesquisa, completam, sobre o território como o fruto de uma apropriação simbólica, especialmente através das identidades territoriais, ou seja, da identificação que determinados grupos desenvolvem com seus espaços vividos Haesbaert *apud* Costa e Dozena (2012, p.20). Uma cidade envolvida, apropriação espacial mediada por um estilo de música, por meio de elementos simbólicos e econômicos presentes no espaço vivido, marcado por encontros frequentes, bares e locais nos quais acontecem encontros e onde as pessoas que compartilham dos mesmo gostos se sentem bem em frequentar, formando assim esse território do Choro em Natal.

A partir disso, é possível pensar em outros ambientes que isso se aplica de forma mais clara e popularmente conhecida, como no caso das escolas de samba, tanto no Rio de Janeiro, com em São Paulo, os quais Dozena (2016, p. 334) chamada de os “territórios do samba” em que as escolas têm seu impacto cultura intrinsecamente ligado aos bairro, onde estão inseridos com eventos para a comunidade que convivem, com o segmento econômico muito forte, não só pelo dinheiro provindo do carnaval, mas o ano todo nesses pequenos eventos, e a parte política: políticas públicas com leis de incentivo ao carnaval, tombamentos como patrimônio¹ e homenagens a grandes nomes dessas escolas de samba, criando em torno delas

territórios não só musicais como culturais de modo geral. Ainda sobre a questão territorial, os autores citam a problemática da rivalidade na ocupação e “dominação de territórios” com um fator que auxilia nessa classificação, sobre isso, podemos ver os exemplos de escolas de samba que realmente têm uma rivalidade muito forte entre elas, como o exemplo da Gaviões da Fiel e da Mancha Alviverde, que muito influenciada pelo futebol, mas que acaba se arrastando até suas agremiações havendo até mesmo brigas e conflitos sérios². Não somente as escolas de samba, como vivências à parte, como pequenas rodas de samba, reafirmando sua corporeidade coletiva neste território. Dozena (2016. p 375), ainda completa, o território congrega esta herança de tempos diferentes que está presente no corpo dos sambistas, em seus costumes e práticas, que passam a ser socializados comumente pelos sons reconhecidos por todos.

■ Não distante, as paisagens sonoras concedem identidades aos territórios, e agem direta e constantemente em seus moradores na contribuição à perpetuação das falas e sotaques, dos gostos musicais, e na evocação de paisagens do passado, o que reforça valores existentes em cada indivíduo, que pode contribuir para sua fixação em territórios distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem. A música pode oferecer ao estudo geográfico elementos para a leitura do compartilhamento e da construção da memória e dos símbolos nele existentes:

“Cada cultura, segundo os valores nela construídos no decorrer do tempo, apropria-se da natureza e dos elementos presentes no meio onde habita e transforma-os, o que é expresso na paisagem. Ao refletir uma cultura, a paisagem deve ser entendida como um receptáculo de símbolos.” Torres e Kozel (2010, p.125)

Com isso, vemos como a paisagem sonora também influencia na criação de pertencimento e na identidade de um território e de seus habitantes e frequentadores pelas imagens que são criadas a partir dela, não só isso, olhando para o lado das artes, vemos como a paisagem se faz presente na forma de descrição do espaço em que a obra se apresenta, seja em um livro, poema ou uma música, seja apresentando a natureza intacta ou as transformações de decorrência da ação humana. Além disso, Carney *apud* Torres e Kozel (2010, p.125), tanto reflete quanto influencia as imagens que as pessoas possuem e a forma como essas imagens mudaram significativamente as atitudes das pessoas para com esses territórios.

Em resumo, um território carrega consigo uma carga simbólica fundamental para a sua formação, quando pensamos na relação mediada pela música, os símbolos e signos aparecem intrinsecamente ligados à música, como parte da formação da identidade e do pertencimento socioespacial, cuja sua significação extrapola em muito os limites físicos e sua utilização material, tornam-se espaços de referência identitária, tanto individual como coletiva. Importante notar o papel do poder político, além da dominação física, por meio daqueles que exercem esse poder, o possuem, dominam, vivem, pertencem. Tal espaço pode não ser apropriado de forma real, mas de maneira simbólica por essa ou aquela tribo, como fato concreto, de papel passado, mas é por meio deles que esse espaço se torna algo maior e mais significativo, um território, que carrega consigo sentimentos, ideias, signos e significado, passa de geração para geração, de tempos e tempos, transformando percepções espaciais e sociais mediados pela música. Sendo esse um processo lento, cumulativo, que carrega consigo rugas de um passado e simultaneamente do presente e suas transformações. É importante ressaltar que a atuação do poder público é relevante para que se possa legitimar esse movimento, com leis de incentivo à prática ou com tombamentos. Não obstante o papel da paisagem nessa questão com o território musical, onde por meio da descrição feita nas letras auxilia nesse movimento de apropriação, e representação dos sentimentos coletivos e individuais que se transmitem como receptáculo simbólico da cultura local.

Uma ideologia geográfica: o Sertão

Ao abordar a relação de pertencimento mediada pelo Aboio, precisamos nos aprofundar mais nesse espaço geográfico em que ele se insere, analisar as possíveis conexões entre o sertão e o próprio Aboio, para assim entendermos como ele se mostra nas letras. Qual Sertão estamos tratando? Como se apresenta? Existem outros Sertões, e o Aboio também teria ligações com esse? São perguntas a serem respondidas antes mesmo que possamos entrar nas questões sobre o estilo musical do pastor do gado.

O “Sertão” classificado no imaginário popular mais simplista, caricato e estereotipado, é conhecido por ser um seco, pobre, “a roça”, um vazio demográfico, longínquos desconhecidos, inacessível, perigoso, dominado pela natureza bruta. Mas como é concebido conceitualmente?

Para iniciar a discussão, precisamos entender conceitualmente as dinâmicas em volta do termo Sertão, Lopes (2016, p.30-31) entende-o como um lugar amplo e heterogêneo, de múltiplas e diversas relações sociais, econômicas e políticas que acabam por imbricar diferentes lógicas e modos de viver, sentir e pensar, tornando-se assim o lugar não do sertão, mas dos sertões. Ainda, o autor, por meio desses acúmulos de ações e de vivências diferentes espalhadas pelo interior, é permitido afirmar a existência de diversos lugares, populações e culturas. Não um Sertão, mas vários e diversos Sertões.

Partindo disso, sabemos da existência de vários sertões, mas como podemos reconhecer um “Sertão”? Bem, é comum termos uma pré-concepção do que achamos ser o Sertão, ao pensarmos sobre o tema, possivelmente as primeiras imagens que vêm são das características físicas, muito divulgadas ao longo do tempo, seja pela seca ou a vegetação que se apresenta. Entretanto, do sertão, como aponta Moraes (2003, p.01), não são suas características naturais que lhe conferem originalidade como o clima, o relevo, ou as formações vegetais. O sertão não é, portanto, uma obra da natureza.

E nem constitui-se como uma materialidade construída socialmente. Isto é, o Sertão não se mostra como algo único e singular, capaz de ser classificado por critérios previamente estabelecidos nem em questão das ações humanas no espaço vivido, Moraes (2003, p.01) continua, também não são as atividades produtivas ali praticadas que o qualificam, ou mesmo a marca de tais atividades numa paisagem local e Moraes (2003, p.01) completa, não se constitui, portanto, como uma materialidade criada pelos grupos sociais em suas relações com os lugares terrestres. Não é um lugar, mas uma condição atribuída.

O Sertão expressa-se como um adjetivo, condições e qualidades impostas, boas ou más, simbolicamente: uma ideologia espacial. Trata-se da construção de uma imagem ilusória, artificial, à qual se associam valores culturais geralmente, mas não necessariamente, negativos, mais a frente reforça Moraes(2003, p.02). Portanto, partindo do princípio que a conceituação do que “Sertão” se comporta como uma ideologia geográfica sobre um determinado recorte espacial, faz-se necessário compreender de onde vem e a quem serve.

O Sertão é sempre qualificado desta forma, digamos, pejorativa, carregada de ideologias, por sujeitos de fora, afastados, estrangeiros, ou: “o outro”. Conforme Moraes (2003, p.03). Este “outro” carrega consigo um olhar externo, com uma imagem construída por outros parâmetros, sejam eles econômicos, sociais ou pela paisagem diferente. Oposto daquilo a que estão habituados, não o comum, o diferente. Ainda refletindo sobre o “outro”, o Sertão além disso, é tratado como ocupado por “povos diferentes, exóticos, barbaros”, que possam ser subjugados. Cabendo a seguinte citação sobre esse olhar externo:

“Nesse sentido, trata-se de uma imagem construída por um olhar externo, a partir de uma sensibilidade estrangeira e de interesses exógenos, que atribuem àquele espaço juízos e valores que legitimam ações para transformá-lo.” Moraes (2003, p. 3).

Mesmo que a imagem construída sobre esse espaço seja algo positivo, favorável, Moraes continua:

Mesmo aquelas concepções que veiculam uma visão positiva desses lugares vão equacionar tal positividade como um potencial adormecido, cuja efetivação prática demandaria ações transformadoras da realidade vigente. Moraes (2003, p. 3).

Outro autor nos ajuda a complementar a ideia aqui apresentada, Lopes corrobora com essa tese:

“O significado do signo sertão depende sempre de onde o enunciante está localizado. Neste sentido, há aqui uma visível dualidade sugerida que, para a gente do lugar, o sertão é o paraíso, e, para os “de fora”, o sertão é o inferno aqui na terra” Lopes (2016, p.37)

O sertão é o oposto daquilo que estão habituados - não comum, o diferente - sendo assim, o classificam dessa forma como diferente e o subjugam por isso. Mais a frente, Moraes continua seu pensamento sobre esse “outro”, carregado de ideias externos ao sertão, demonstrando com é feita essa qualificação pela diferença:

“O Sertão só pode ser definido pela oposição a uma situação geográfica que apareça como antípoda, trata-se portanto da construção de uma identidade espacial por contraposição a uma situação díspare, pela ausência, lhe qualifica.” Moraes (2003, p. 3).

Seguindo a ideia do autor, esse lugar geográfico só existe em contraposição a outro, uma relação dualista. Como por exemplo, oposição ao urbano ou ao litoral, são classificados como “não-Sertão”, diferente, por exemplo, daquele vasto interior de um território nacional, selvagem ou não. Sobre essa dualidade torna-se interessante o apontamento:

“Essas duas categorias, Sertão e litoral, são complementares porquê, como em um jogo de espelhos, uma foi sendo construída em função da outra, refletindo a outra forma invertida, a tal ponto que sem seu principal referente (litoral), [o] Sertão esvaziava-se de sentido, tornando-se ininteligível, e vice-versa”. Amado, (1995, p. 149).

Buscando uma visão sobre a história dessa dualidade, essa oposição e complementaridade vem de séculos atrás, com a ocupação portuguesa no território brasileiro. Chegavam pelo litoral, invadiam as terras e aos poucos buscavam conquistar o interior selvagem ocupado pelos “bárbaros indígenas”, denominado-o de “Sertão”. Interessante notar que Amado (1995, p. 149) afirma que para os portugueses o Brasil todo era um grande Sertão, não só os portugueses, como outros muito tempo depois, como por exemplo, Saint-Hilaire *apud* Amado (1995, p.147), que entendi o “Sertão” como “áreas despovoadas do interior do Brasil. Quando digo despovoada, refiro-me evidentemente aos habitantes civilizados, pois de gentios e animais bravios está povoada em excesso”, mostrando que essa ideia não provinha exclusivamente dos colonizadores originais. Do mesmo modo, Moraes aborda o tema:

O sertão se repõe, assim, como uma espécie de pecado original do berço colonial de nossa formação, sofrendo requalificações a cada época e recebendo atribuições e qualificações próprias aos interesses em pauta a cada onda de ajustes dos espaços periféricos. Moraes (2003, p.06)

Na concepção original dos colonizadores portugueses, segundo Amado (1995, p.149), entre os séculos XII e XIV o conceito era utilizado para se referir a áreas dentro de Portugal mas longe de Lisboa. Amado (1995, p.149) segue, que a partir do século XV, usaram também

para se nomear espaços vastos, interiores de terras recém-conquistadas que pouco ou nada se sabia.

Não fugindo dessa dinâmica de denominação vista nos tempos de colonização, essa ideologia se mantém, de certo modo, como diz Moraes (2003, p.03) o “Sertão” é sempre um espaço-alvo de projetos. Um espaço compreendido e qualificado para ser dominado e sobrepujado. Nesse sentido, entendemos que a designação acompanha-se sempre de um projeto (povoador, civilizador, modernizador), o qual almeja – no limite – a superação da condição sertaneja. Trata-se de um espaço a ser conquistado, submetido, incorporado à economia nacional: uma área de expansão.

Desde séculos atrás, a denominação de “Sertão” a um determinado recorte de espaço carrega consigo certos sentidos de negatividade, seja por ser seco, podre, rural, desabitado ou não-civilizados, estes estereótipos podem acarretar um sentimento de negatividade para seus habitantes, mas o que acontece quando inverte-se essa lógica de pensamento, quando pelas características do dito “Sertão” acontece o reconhecimento e o sentimento de pertencimento? Citando novamente Moraes (2003, p. 3), existe uma construção de identidade espacial pela contraposição a uma situação, que pela ausência qualifica. Entretanto, e se, não pela ausência, sim pelo que se apresenta, cria-se uma identidade relacionada a esse ambiente, uma apropriação simbólica de valores culturais e paisagísticos. O “Sertão” pode vir a ser parte de um pertencimento espacial?

Assim, fazendo um paralelo com a pesquisa, a música como um fio condutor seria o Aboio, que seria esse mediador entre o pertencimento/criação ou não de uma identidade espacial no “Sertão” nordestino. Usando desse gênero, como forma de analisar a cultura desse espaço. Ficando apenas a indagação, é possível compreender a partir do gênero Aboio a construção de uma identidade espacial no “Sertão” nordestino do Brasil?

Ressignificação do Sertão por meio do Aboio

O Aboio, conhecido também como Toada, é o estilo musical do pastor do gado, o vaqueiro, é uma espécie de canto de trabalho, entonação de chamar boi, canto típico da Região Nordeste do Brasil, principalmente no seu interior, distante dos grandes centros urbanos, é o canto das vogais “eee, ooo, eei”, como diz o poeta Zito Alves em sua canção Você sabe o que é o Aboio³, fazendo referência ao tanger do vaqueiro, ao pastorear os bois. Segundo Andrade *apud* Mauricio(2006, p.16), um canto melancólico com que os sertanejos do Nordeste ajudam a marcha das boiadas, Medina e Medina (2007, p.52), complementa, é também uma forma de manifestação de sentimentos profundos e originais a respeito do próprio aboiador, da sua história e do mundo que o cerca. Dizem que não existe gado bravo que, ouvindo, não se deixa acalmar e siga o aboiador.

Canto de trabalho e de lazer, existe a diferenciação entre aboiar e Aboio como estilo musical: o primeiro, a forma bruta, apenas para o tanger do gado, para não perder nenhum animal no caminho do pasto até o curral; já a segunda, seria a forma musicada, com letra e ritmo, com encontros, eventos, duelos de rima, parcerias, mas nunca esquecendo do tanger do gado sempre representado nas músicas com seus “eii boi, eee boi”, marca registrada do gênero.

O Aboio não só canta o trabalho do vaqueiro, mas suas angústias, desejos, vivências, religiosidades, os animais e até a paisagem à sua volta, deixando bem clara a possibilidades de análise para qualquer um que tenha interesse em realizar algum estudo com o gênero. Traz consigo uma identidade espacial bem marcada. Como música, se apresenta como representante de uma localidade: “Sertão” nordestino, tendo a Caatinga, o sol escaldante e a seca como parte do seu ambiente, faz do meio da mata fechada e espinhenta parte do lugar de apresentação, seu palco; usa couro, bota, perneira e gibão como sua vestimenta na hora de cantar. Cabendo a citação:

"Além do jeito peculiar e chamativo de eles se vestirem com peças de couro a fim de lidar, não somente com os animais, mas também com seca, sol escaldante e, sobretudo, com vegetação espinhenta em caatinga a perder de vista.”Medina e Medina, (2007, p. 63)

Como visto anteriormente, a vestimenta faz parte do pertencimento criado pela música para um grupo como um símbolo em comum dentre os participantes, nesse caso, por

todas as condições presentes no ambiente que influenciam os aboiadores a se apropriarem de suas vestimentas de couro para se caracterizar em apresentações. O gênero não só carrega o seu ambiente consigo nas letras, mas também tudo aquilo que o compõe. Sendo aqui interessante uma breve explicação sobre as roupas de couro: o terno de couro; chapéu, gibão, máscara, luvas de couro, a perneira e as botas com esporas. (Figura 1).

O terno de couro é geralmente feito de couro de carneiros ou, às vezes, bem raro de bois. Interessante ressaltar que esta farda, não só faz parte do vaqueiro, mas também dos cavalos de pega de boi, que para sua proteção em meio aos galhos e espinhos são cobertos por peças de couro parecidas, desde o peito, pescoço, parte das pernas e do rosto.



Figura 1 - Os vaqueiros trajados em couro para a pega de boi. — Foto: Felipe Silva

Antes de ser a vestimenta dos aboiadores, a roupa de couro, primeiro, protege os vaqueiros que vão para as pegas de boi (competição esportiva onde o vaqueiro tem que pegar um boi, vaca ou bezerro solto no meio da mata seca fechada), (figura 3), elas fazem a

proteção do vaqueiro ao entrar na mata fechada cheia de galho secos e espinhos atrás do gado, impedindo-o de sair todo cortado com os galhos secos e pontudos da caatinga. Assim como as camisetas pretas com estampas de banda, ou abadá durante o carnaval, não é difícil encontrar pessoas com o chapéu de couro em eventos, ou mesmo no dia-a-dia, desde adultos a crianças de todas as idades, homens e mulheres. Um signo dessa relação.



Figura 2 -78ª 'Missa do Vaqueiro' encerra festividades juninas em Petrolina. — Foto: Jonas Santos

O Aboio tem como seu espaço de apresentação uma relação intrínseca com o gado, isso está presente na citação:

“Outra razão são os frequentes eventos relacionados à atividade pecuária que reúnem profissionais a caráter os quais realizam a “pega de boi no mato”, a conhecida “missa do vaqueiro”, o encontro de aboiadores, além de vaquejadas que fortalecem o grupo em vários estados nordestinos. Em todas essas aglomerações o aboio recebe destaque, embora fora do espaço natural de condução de gado.” Medina e Medina, (2007, p.63).

E novamente, o Aboio se exhibe em locais determinados, seria difícil, mas não impossível, encontrar um aboiador fora desse espaço, seja pela descaracterização das letras, símbolos, das vestimentas, ou espaços de apresentação. Diferente de outros gêneros musicais, o Aboio, sendo um estilo local, conta com a paisagem para localizar suas músicas, onde a caatinga e a presença do gado, e do trabalhador do gado alcança o aboio pode se fazer presente também.



Figura 3 - O vaqueiro e seu cavalo trajados em couro atrás do boi solto em algum lugar no meio da vegetação seca. — Foto: Felipe Silva



Figura 4 - Os vaqueiros se reunindo antes da disputa, ao fundo o público na espera dos mesmos. — Foto: Felipe Silva

O gênero apresenta “o Sertão” nordestino, não com uma visão romantizada dele, tão pouco com um olhar de menosprezo, mas sim a sua realidade como um todo, seus lados bons

e ruins, como qualquer ambiente apresenta em sua totalidade. Como foi dito antes, as letras de música podem ser utilizadas como fonte primeira, e partindo disso, vamos utilizar de algumas para conseguir melhor entender as relações entre o aboio e o espaço em que ele se insere.

Aproveitando disso para trabalhar as músicas como, Sertão - Galego Aboiador⁴:

“eee
Sertão pedaço de ouro, que fui nascido e criado
Sertão das apartações, das grandes pegadas de gado
Sertão do leite e do queijo, e do vaqueiro afamado

Sertão do homem esforçado, sertanejo das mãos grossas
que trabalha sol a sol, para fazer sua roça
esperando um bom inverno dentro da sua palhoça

Do vaqueiro que se esforça pra pegar o boi no mato
enfrentando o alastrado xique-xique, unha de gado
atrás de novilha brava, barbato, vaca ou boiato

Sertão do homem pacato que honesto e consciente
sertão da mulher bonita sertão do macho valente
da pele tostada e rústica queimado pelo sol quente

Sertão de antigamente quando a gente cultivava
a cultura nordestina e todo mundo aceitava
o sertão do carrancismo e dos homens de palavra

Sertão dos belos açudes, riachos e cachoeiras
sertão dos mandacarus, marmeleiros e catingueiras
mororós e braúnas, pau roxo e aroeiras...

...escrevi esta toada, sentindo no coração
o que sente o sertanejo no seu pedaço de chão
e com todo sentimento não desprezo meu sertão”

Sertão - Galego aboiador

Na música, vemos como o Sertão é apresentado de certa forma romantizada, apresentando o estilo de vida dos vaqueiros, das pessoas que o cercam, e não só, como também faz referências às características físicas, como sol quente, seus rios e riachos, a vegetação presente e até mesmo a fauna que o compõe.

Em contrapartida, podemos comparar a visão de músicos contra os autores acadêmicos, como por exemplo:

“O Sertão só pode ser definido pela oposição a uma situação geográfica que apareça como antípoda, trata-se portanto da construção de uma identidade espacial por contraposição a uma situação dispare, pela ausência, lhe qualifica.” Moraes (2003, p. 3).

Como Moraes pontua, o Sertão é sempre classificado pela ausência, ou mesmo pela partes negativas provindas do discurso estrangeiro, sendo assim, torna-se relevante notar como a essa letra pode ser analisada em contraposição, com um olhar interno, mostrando os lados positivos da vivência, deixando claro seus sentimentos e suas recordações, conseguindo assim, criar uma ideia de pertencimento, bem diferente do conceito estigmatizado, alvo a ser superado, lugar do inabitado, e hostil, como os portugueses usavam o objetivo inicialmente. Tem-se um processo de ressignificação, não mais como uma ideologia geográfica de superação, mas um lugar que se produz e reproduz por dentro, sem perspectivas de superação ou mudanças.

O interessante é achar no mesmo cantor e autor uma oposição a romantização feita na música anterior sobre Sertão, quando o mesmo faz um musica pra contar das secas e as suas consequências, como os animais francos, quando não mortos por conta da sede e da fome, que atingiram e que por vezes ainda atinge, como na canção Seca do Maranhão⁵.

oitenta e um não choveu no Maranhão, oitenta e dois a crise foi de matar
oitenta e três ainda foi muito pior, os fazendeiros não puderam suportar
secou o pasto tudo desapareceu e todo gado morreu em quase todo lugar

lá na fazenda alguns poços que ficaram o gado magro
está morrendo atolado de fome e sede é tão grande o desespero
não tem um talo de capim no meu cercado
o jeito agora é morrer tudo de sede que o Maranhão agora está acabado

Galego aboiador - Seca no maranhão

Mostrando que não só por conta da natureza, mas também pelas questões humanas como por exemplo: crise migratória. Ao qual inclusive podemos rever a relação dualista entre o Sertão e o urbano, como em Galego Aboiador - Nordeste em São Paulo⁶.

“Sei que o Nordeste sofre com seu torrão ressecado
Sofre com fome e com sede é da semente e seu gado
Muito se acha infeliz vai para o Sul do país
Pra viver escravizado

O nordestino, coitado que sai lá do seu torrão
Pernambuco, Paraíba Ceará ou Maranhão
Em Brasília, Rio, São Paulo, e o frio a matá-lo
É triste a situação.

Quando chega lá no Sul sem ter onde morar
Sem emprego, sem patrão, mal pode se alimentar
Pensa no seu natural, sem ter no bolso um real, muitos se acabam por lá

Quando vê um contrerrâneo, do lugar que ele nasceu
 Vai logo se aproximando perguntando pelo seus
 Até dá remorso nele, quando alguém fala pra ele que seu parente morreu

Quando ele escuta uma música, forró, toada de amor
 Ou algumas vaquejadas, de Galego Aboiador
 Aí é grande o desgosto, as mágoas banham seu rosto, seu peito geme de dor

Aqueles que se dão bem às vezes se esquece de cá
 Se acostumar no sul, nao quer mais voltar de lá
 Mais o que é patriota quando ele arranja uma nota
 Vem morrer no seu lugar”

Galego Aboiador - Nordeste em São Paulo

O autor descreve a vida do sertanejo longe do seu Sertão, em meio aos grandes centros urbanos, com saudades da sua terra, da sua antiga vida de gado. Ainda, faz referência ao fato de que é possível ganhar a vida nesse ambiente, mas que o sertanejo patriota, que tem amor pela sua terra, sempre volta. E como exemplo da relação intrínseca do Aboio com o trabalho com o gado Recordação - Zito Alves⁷, onde o cantor faz uma imersão no seu trabalho com o gado.

“eei ee oo boi
 Eu fui nascido e criado, nas quebradas do sertão
 meu transporte era o cavalo, minha roupa era o gibão
 minha janta era coalhada, minha festa vaquejada
 vivo de recordação
 eea
 quando amanhecia o dia, da casa do fazendeiro
 eu vaquejada a boiada pra serra do mamoeiro
 e o gado xoteando e eu alegre cantando
 uma canção de vaqueiro
 eiiaa”

Zito alves - Recordação

Com isso, voltamos ao nosso debate sobre o território, onde novamente vale a citação de Dozena sobre as identidades:

“As identidades com base territorial, forjadas por aspectos da musicalidade, trazem conexões com padrões passados e presentes de povoamento, migração, etnicidades, heranças musicais, estilos de vida e condições socioeconômicas.” Dozena (2016, p. 337)

Resumindo, é como se o Aboio por meio da sua corporeidade e territorialidade, intermediasse essa identidade com base territorial, trazendo correlações socioespaciais, do cotidiano, da cultura e da vida no Sertão.

Assim conseguindo ver como essas músicas nos auxiliam na compreensão de diversas questões, mas a principal o sentimento de pertencimento em relação a esse sertão, que ao invés de ser uma ideologia espacial onde o olhar externo olha com olhos de superioridade a uma espaço que pode e deve ser mudado e adequado aos olhos desse olhar alienado, “outro”, em contraposição a esse olhar de quem se enxerga como parte desse ambiente, desse espaço, cria-se nele sentimentos. Ainda, como vimos, um dos fatores que auxilia na classificação de um território musical é o reconhecimento do poder público sobre sua importância para a população e seu espaço. E reforçando essa ideia, como visto, o reconhecimento por meio do poder público é uma dos fatores que contribui com a definição de território musical, e não distante o gênero do pastor do gado também é contemplado por leis de incentivo, como por exemplo a prefeitura de Petrolina que no ano passado criou o Festival de Aboio, Toadas e Versos do Vale do São Francisco⁸, com o objetivo “de incentivar e despertar o interesse pela cultura do Sertão nordestino, bem como destacar pessoas com potencial para a arte”.

Dentre outras tantas possíveis abordagens e assuntos recorrentes, cabe aqui uma breve exposição sobre esse temas. O trato do gado é extremamente presente em quase todas as letras, se não como assunto principal, também se apresenta quando se aborda outro ponto, como por exemplo, a relação com o trabalho e a questão com o patrões são quase sempre citadas, muito comum nas letras são causos de vaqueiros que se apaixona pela filha do seu patrão, ou de algum fazendeiro rico da sua região, e que assim, junto de sua amada vivem um romance proibido, às escondidas. Entre outra coisas, é de se notar que o Aboio é sempre entoado pelos vaqueiros, por isso mesmo, canto de trabalho, tirando cantores que ficaram ricos por meio da cantoria, é difícil encontrar patrões ou fazendeiros ricos que arrisquem nos aboios, seja para guiar o gado, seja para festejar. Outra temática bem presente é a romantização de um passando cada vez mais distante, onde as tecnológicas não estavam tão presentes no cotidiano da vida da roça, onde o trabalho rural era quase a única opção para quem escolhia ficar em sua terra. Em algumas músicas o saudosismo aborda questões como a energia elétrica que tirou o charme do lampião e da lamparina, das motos que substituem os cavalos aos poucos, ou mesmo as crianças que cada vez mais perdem o interesse no trabalho dos mais velhos. A mudança dos tempos é perceptível e não escapa do olhar dos poetas do gado, mesmo que seja com o olhar de saudades para com aquilo que viveram quando eram mais novos.

Um ponto a ser destacado no aboiar é a oralidade, durante a pesquisa, foi muito interessante de perceber a importância da linguagem oral, e como foi usada pra passar feitos,

histórias e eventos passados, tudo por meio do Aboio, onde vaqueiros, passavam para os demais presentes seus feitos para aqueles que não puderam presenciar, histórias passadas de geração, eventos marcantes como por exemplo, grandes secas. Não só histórias, mas também sobre rezas e curas, tanto para gente doente quanto animal com bicheira, fazendo parte desta cultura única. Isso vai passando de geração para geração pelo ato de cantar. Mas vale dizer que isso dificulta um pouco a pesquisa a longa distância, pois é muito mais trabalhoso achar conteúdos que possam ser trabalhados na forma ideal que se espera.

Sobre a questão das classes, poderia ser abordado em outro trabalho que se aprofundará ainda mais nas questões que esse estilo musical do interior nordestino apresenta, não só essa como outras, ou até mesmo se aprofundar ainda mais no tema de identidade, tendo maiores possibilidades de pesquisa e metodologias distintas, até mesmo trabalho de campo.

Consequente, o estilo musical do vaqueiro apresenta diversas camadas, desde guiar o gado do curral até o pasto e vice e versa, até nos trazer uma outra perspectiva sobre o Sertão nordestino. Mais do que um gênero musical simplesmente, faz das suas letras referências ao cotidiano e ao modo de vida não só dos pastores de gado, mas de todos que vivem ao seu redor, seja do patrão dono das fazendas ou das moças que servem também de inspiração, sem esquecer dos problemas que os cercam e das suas características físicas e naturais, fauna e flora. Como vimos durante a pesquisa, símbolos têm função destacada nessa mediação da identidade e do pertencimento, seja na forma de reconhecimento frente aos demais ou mesmo dividindo-se em grupo: o "nós" e os "outros". Neste caso, o próprio gênero funciona como esse símbolo de pertencimento. Visto que as músicas contribuem na construção emotiva nas relações sócio espaciais, o Aboio por meio da suas relações socioespaciais, de corporeidade e territorialidade, faz a intermediação dessa identidade com base territorial, do cotidiano, da cultura e da vida no Sertão. Não sozinho, existem outros signos que auxiliam nessa construção, como por exemplo as vestimentas, nesse caso, o terno de couro, sendo utilizado tanto nas apresentações como no dia-dia de trabalho.

Conclusão

Finalizando, como vimos, o Aboio se apresenta de diversas formas, seja descrevendo a paisagem a qual pertence, cantando o modo de vida dos vaqueiros, ou mesmo trazendo pequenos acontecimentos históricos marcantes. Dentre essas, a principal faceta que nos interessou foi a capacidade desse gênero de trazer um novo significado para o Sertão, não só ressignificando o conceito, como também mediando a criação de uma identidade territorial, território esse, simbólico, que extrapola os limites físicos e se caracteriza a partir da sua carga simbólica e apropriação específica, fortalecendo a relação identitária.

Como visto o Sertão é conceituado como uma ideologia geográfica advinda durante o processo de colonização portuguesa, onde estes tinham uma concepção de Sertão como distante, atrasado, voltado aos animais e povos bárbaros. Tal entendimento foi carregado com o tempo e mantido, sendo importante destacar que foi mantido por aqueles que existem do lado de fora, os “outros”, com olhares de estranhamento e alienados dos processos ali presentes, vislumbravam-o espaço como alvo de projetos e ações com o intuito de superação, mudança, e nunca de perpetuação. O gênero do pasto do gado, por outro lado, subverte essa lógica de superação, pelo contrário, tenta produzir e reproduzir a partir do que existe de fato, tanto os agentes naturais como os agentes sociais.

O estilo musical dos vaqueiros nessa mediação recebe reconhecimento, não só popular, mas também por parte do poder público por meio de incentivos financeiros e de eventos, que só ajudam no processo de ressignificação e apropriação desse território simbólico chamado Sertão.

Ao Analisarmos a questão da identidade e do sentimento de pertencimento de natureza compartilhada coletiva e individual, na qual torna-se sempre importante tomar cuidado com generalizações, como escreveu Crozat (2016, p.15), não podemos considerar nenhum tipo de cultura, identidade como definitiva e nem como homogênea, a não ser que se quera praticar algum tipo de racismo ou preconceito. Os tempos mudam, a sociedade e o espaço idem. Claro, o que foi trabalhado aqui se trata de uma breve generalização sobre os temas, um gênero não se baseia em poucas músicas e nem em poucos cantores e compositores, como vimos tudo é composto em uma dimensão coletiva e ao mesmo tempo individual, por meio de processos lentos e cumulativos, conscientes e subconscientes durante um vasto tempo.

Mas mesmo assim, conseguimos enxergar aberturas para análises e contraposições que nos possibilitaram debater sobre o tema da identidade territorial mediado pelo Aboio no Sertão nordestino. O próprio, apresenta-se como território abstrato e simbólico, sem marcações ou delimitações, já que o não é caracterizado por formas físicas ou mesmo por ações humanas específicas, no máximo. Evocado Leyshon, et al *apud* Panitz (2012, p.05), considerar o lugar da música não é reduzi-la a sua localização, estabelecer um ponto exato no espaço, mas permitir uma abordagem rica em estéticas, culturas, economias e geografias políticas da linguagem musical condicionando várias caminhos de abordagens que pode ser seguidas para entendermos a relação social nesse espaço determinado. Definir o Sertão em um território determinado por meio da música também seria extremamente complicado, sendo ele, é uma ideia, uma ideologia espacial, mas sua quando pesquisamos por meio da música conseguimos encontrar ricos materiais de análise.

Finalizando, trago aqui uma citação de Dozena sobre o samba e toda sua magnitude sobre a sociedade em que se insere e mesmo para possíveis estudos geográficos:

Considera-se, dessa forma, o samba como mais do que um gênero musical: ele é também um modo de pensar, de sentir, um gênero ou estilo de vida que permite a construção de territorializações particulares na cidade. Dozena (2016, p. 337)

E com ousadia, tiro proveito dessa citação para dizer que: o Aboio, desta forma, também, é mais do que um gênero musical: ele é também um modo de pensar, de sentir, um gênero ou estilo de vida que permite construção de territorializações particulares.

Referências e Bibliografia

Links acessados:

1. Secretaria Municipal de Cultura celebra samba paulistano com tombamento, shows e seminário. Prefeitura de São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=13788>>. Acesso em: 10 de jul. de 2021.

2. 'É uma guerra sem fim', diz promotor sobre brigas entre Gaviões e Mancha. G1, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/e-uma-guerra-sem-fim-diz-promotor-sobre-brigas-entre-gavioes-e-mancha.html>> Acesso em : 10 de jul. 2021.

3. Zito Alves. Você Sabe o que é o Aboio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rZyOYKi3bs0&ab_channel=ZitoAlves-Topic>. Acesso em: 20 de jul. de 2021.

4. Galego Aboiador. Sertão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ArHmV3t23u0&ab_channel=GalegoAboiador-Topic>. Acesso em: 20 de jul. de 2021.

5. Galego Aboiador. Seca do Maranhão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G71lgz2-D7M>>. Acesso em: 20 de jul. de 2021.

6. Galego Aboiador. Nordestino em São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bjgaBO6_Uao&ab_channel=NANYCDs>. Acesso em: 21 de jul. de 2021.

7. Zito Alves. Recordação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9qzGdSYOqdQ&ab_channel=ZitoAlves-Topic>. Acesso em: 21 de jul. de 2021.

8. LEI No 3.317 DE 18 DE AGOSTO DE 2020. [s.l.]: , [s.d.]. Disponível em: <<https://petrolina.pe.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/LEI-No-3.317-DE-19-DE-AGOSTO-DE-2020-assinada-Cria-no-Calendario-Oficial-do-Municipio-de-Petrolina-o-Festival-de-Ab-oio-Toadas-e-Versos-do-Vale-do-Sao-Francisco..pdf>>. Acesso em: 15 Jul. 2021.

Bibliografia:

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: v.8, n.15, p.145-151, 1995

CARLOS, Antonio, O Sertão. Um “outro” geográfico, Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 4–5, 2003.

CASTRO, Daniel de. Geografia e Música: A Dupla Face de uma Relação. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 26, p. 7–18, 2009.

COSTA, P. R. M. DA; DOZENA, A. Espaços do choro em Natal - RN. Revista Espacialidades, v. 5, n. 04, p. 02-21, 24 dez. 2012.

CROZAT, Dominique, Jogos e Ambiguidades da Construção Musical das Identidades Espaciais In: DOZENA, Alessandro (Org). Geografia e Música: Diálogos. Natal: EDUFRN, 2016. p. 13-48.

DOZENA, Alessandro. O Papel da Corporeidade na Mediação entre a Música e o Território In: DOZENA, Alessandro (Org). Geografia e Música: Diálogos. Natal: EDUFRN, 2016. p. 372-398.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Paisagem Sonora: Uma Composição Geomusical. In: DOZENA, Alessandro (Org). Geografia e Música: Diálogos. Natal: EDUFRN, 2016. p. 349-371.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester, O território em tempos de globalização, Geo UERJ, v. 0, n. 5, p. 7, 2020.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. GEOgraphia, v. 9, n. 17, 2010.

HAESBAERT, Rogério. TERRITÓRIO, POESIA E IDENTIDADE. Espaço e Cultura, v. 0, n. 3, p. 20–32, 1997.

MAURÍCIO, Maria Laura de Albuquerque. **ABOIO, o canto que encanta: uma experiência com a poesia popular cantada na escola**. 2006. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

R. MEDINA, Maria de Fátima; R. MEDINA, Maria Aparecida, ABOIO, **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, v. 21, p. 51–72, 2017.

TORRES, Marcos Alberto. A Música Religiosa e Suas Espacialidades. In: DOZENA, Alessandro (Org). Geografia e Música: Diálogos. Natal: EDUFRN, 2016. p. 182-205

TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salete, PAISAGENS SONORAS: POSSÍVEIS CAMINHOS AOS ESTUDOS CULTURAIS EM GEOGRAFIA, **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 20, n. 0, 2010.